

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR DA AGRICULTURA PAULISTA E BRASILEIRA NO PERÍODO 1997-2008¹

Sueli Alves Moreira Souza²
José Sidnei Gonçalves³

1 - INTRODUÇÃO

A economia brasileira surge baseada na agricultura inserida na expansão do capital mercantil e, em função disso, as exportações sempre representaram o elemento dinâmico da expansão econômica determinando os movimentos dos ciclos que se sucederam e, com isso, a estrutura produtiva setorial (FURTADO, 1989). Também as transformações econômicas inserem-se nesse contexto, levando a especializações regionais que se conformaram face às distintas inserções nos processos de industrialização. Isso porque, na agricultura nacional, convivem estruturas produtivas diferenciadas em função da irradiação do movimento de industrialização da agricultura, realizado a partir de São Paulo, cujo processo inicia-se no fim do século XIX, avançando durante todo o século XX (CANO, 1993).

A economia cafeeira não se resumia às imensas plantações incorporando uma imensa gama de atividades associadas aos negócios com esse produto, cuja destinação orientava-se para as exportações. Importante ressaltar que associada ao café avança o processo de industrialização concernente à 1ª Revolução Industrial, além de que há importantes mudanças na lógica produtiva com o fim da escravatura e o deslocamento do café para o oeste paulista de Ribeirão Preto, dentre outras transformações (CANO, 1990). A partir do primeiro quarto do século XX, inicia-se a incorporação do padrão da 2ª Revolução Industrial (CANO, 1993), a qual se configura como uma intensa industrialização da agricultura.

Ao se industrializar, a agricultura incorpora mudanças estruturais que progressivamente ampliam a multiplicação da agregação de valor,

fazendo com que o produto da agricultura avance em ritmo mais acelerado que o produto da agropecuária (GONÇALVES, 2005). Porém, da ótica territorial, tal processo não se dá com a mesma velocidade nem com similar intensidade em todos os recantos do território brasileiro, com o que o conteúdo que a agricultura vai adquirindo consiste num elemento determinante da dinâmica econômica das várias agriculturas territoriais, notando-se diferenças relevantes entre a agricultura paulista agroindustrial-exportadora e a das demais Unidades da Federação brasileira que se mostram ainda primário-exportadoras (SOUZA; GONÇALVES, 2008).

Este estudo busca destacar essas diferenças visando contribuir para a compreensão da realidade da agricultura brasileira sustentada numa agropecuária dinâmica da ótica da incorporação de inovações ao processo produtivo, mas que ainda revela enormes distâncias em termos de agregação de valor aos produtos pela intensificação da transformação agroindustrial (GONÇALVES; SOUZA; VICENTE, 2006). Para tal, analisar-se-á o desempenho da balança comercial brasileira no período 1997-2008, particularizando os casos da paulista em relação às demais unidades da federação, para depois aprofundar na verificação das exportações da agricultura brasileira, destacando a agricultura paulista com a procura de revelar as suas diferenças estruturais em contraponto à das demais unidades da federação brasileira na agregação de valor, forjando territorialidades específicas. Serão utilizadas informações das balanças comerciais, nacional e setorial, sistematizadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), cujos procedimentos metodológicos estão descritos em Vicente et al. (2001).

2 - COMÉRCIO EXTERIOR PAULISTA E BRASILEIRO NO PERÍODO 1997-2008

As exportações paulistas avançaram, no período 1997-2008, de US\$18,09 bilhões para

¹Registrado no CCTC, IE-25/2009.

²Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: sueli@iea.sp.gov.br).

³Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: sydy@iea.sp.gov.br).

US\$57,70 bilhões. Esse movimento se deu em duas fases, a primeira com ritmo reduzido, no decorrer dos seis primeiros anos analisados (1997-2002), quando evoluíram de US\$18,09 bilhões para US\$20,11 bilhões. Na segunda fase, as exportações paulistas obtiveram crescimento significativo, saindo de US\$20,11 bilhões em 2002 para atingir US\$57,70 bilhões em 2008. Nas importações paulistas houve oscilações entre os anos de 1997 e 2002, com leve tendência de queda, saindo de US\$28,53 bilhões para US\$19,84 bilhões. Porém, após esse período, nota-se um acréscimo, avançando em ritmo acelerado para atingir US\$66,34 bilhões em 2008 (Tabela 1).

Os saldos da balança comercial paulista mostraram notável reversão de resultados no período 1997-2008. De uma realidade de déficit no período 1997-2001 - embora recuando de US\$10,43 bilhões negativos em 1997 para US\$4,15 bilhões negativos em 2001 - em 2002 a balança comercial paulista mostrou saldos positivos atingindo US\$0,27 bilhão. Esse superávit ampliou-se nos anos seguintes para alcançar a expressiva soma de US\$9,10 bilhões em 2006. Entretanto, em 2007 reverte-se a tendência com queda do saldo comercial para US\$3,31 bilhões, processo que se aprofunda levando a nova reversão com o saldo negativo de US\$8,64 bilhões em 2008 (Tabela 1). Esse desempenho da fase de saldos positivos tem relação direta com as mudanças na política cambial brasileira executadas no primeiro mês de 1999, passando do regime de câmbio fixo para o regime de câmbio flutuante, que no primeiro momento levou à desvalorização da moeda nacional. A apreciação recente frente ao dólar produziu o recuo seguido de reversão do resultado do saldo comercial.

As exportações das outras Unidades da Federação apresentaram queda entre 1997 e 1999, saindo de US\$34,90 bilhões para US\$30,47 bilhões. Após esse período, elas se mostraram crescentes, tendo acelerado esse ritmo a partir de 2002, alcançando o valor de US\$140,24 bilhões em 2008. O valor das importações das outras Unidades da Federação entre os anos de 1997 e 2002 mostra variações com leve tendência de queda, iniciando o período com US\$31,22 bilhões e fechando com US\$27,41 bilhões. Após este momento seu valor elevou-se de forma significativa chegando à quantia de US\$106,8 bilhões em 2008 (Tabela 1).

O saldo da balança comercial das ou-

tras Unidades da Federação foi positivo em todos os anos, iniciando o período com US\$3,68 bilhões em 1997 e fechando com US\$33,38 bilhões em 2008. A partir de 2001 os valores começaram movimentos mais consistentes de aceleração, embora a partir de 2005 nota-se uma perda de dinamismo refreando a expansão do período 2000-2005, passando a mostrar recuo nos últimos dois anos (Tabela 1). Fica nítido o impacto da apreciação da moeda nacional sobre os saldos comerciais das demais Unidades da Federação Brasileira, excluindo São Paulo.

As exportações brasileiras iniciaram 1997 com US\$52,99 bilhões e caíram nos dois anos seguintes, atingindo US\$48,01 bilhões em 1999. Porém, a partir de 2000, elas reverteram a tendência e passaram a crescer, com notória aceleração em 2002, terminando 2008 com a quantia de US\$197,94 bilhões. Entre os anos de 1997 e 2002 as importações brasileiras exibiram comportamento instável; a partir do ano de 2002 é que se iniciou uma fase de crescimento. O valor em 1997 era de US\$59,75 bilhões e o de 2007 alcançou US\$173,20 bilhões (Tabela 1). Nota-se que as compras externas se aceleraram com a valorização da moeda nacional do período posterior a 2004, tendo esse processo sido acelerado após 2006.

O saldo da balança comercial brasileira apresentou déficits entre 1997 e 2000, iniciando esse período com US\$6,75 bilhões negativos e conseguindo reverter essa situação somente no ano de 2001, quando o saldo atingiu patamar de US\$2,65 bilhões positivos. A partir de então se verifica elevada aceleração dos superávits, com seu valor fechando o período 1997-2006 em US\$46,07 bilhões. A partir de 2007 essa tendência reverte-se com obtenção de saldos comerciais menores ainda que positivos, atingindo US\$24,75 bilhões em 2008 (Tabela 1).

O comportamento da balança comercial, tanto no caso paulista como no brasileiro, revela a resposta às medidas de mudança no regime cambial, com a adição do câmbio flutuante ao invés do câmbio fixo, com o que, num primeiro momento, ocorreu significativa desvalorização da moeda brasileira na mesma época em que as compras internacionais elevaram-se. Com isso, a estrutura produtiva brasileira aproveitou as condições favoráveis ampliando mercados.

Registre-se que os incrementos das exportações do período 1997-2008, acelerado nos primeiros anos do século XXI tanto para São

TABELA 1 - Balança Comercial, Brasil, Outras Unidades da Federação e São Paulo, 1997-2008
(US\$ bilhão)

Ano	Brasil			Outras unidades da federação			São Paulo		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1997	52,99	59,75	-6,75	34,90	31,22	3,68	18,09	28,53	-10,43
1998	51,14	57,71	-6,57	32,91	29,78	3,13	18,23	27,93	-9,71
1999	48,01	49,21	-1,20	30,47	25,90	4,57	17,54	23,31	-5,77
2000	55,09	55,78	-0,70	35,3	30,21	5,09	19,79	25,58	-5,79
2001	58,22	55,57	2,65	37,60	30,79	6,81	20,62	24,78	-4,15
2002	60,36	47,24	13,12	40,26	27,41	12,85	20,11	19,84	0,27
2003	73,08	48,30	24,78	50,01	27,97	22,04	23,07	20,33	2,74
2004	96,47	62,83	33,64	65,43	35,72	29,71	31,04	27,11	3,93
2005	118,31	73,61	44,70	80,30	43,11	37,19	38,01	30,50	7,51
2006	137,81	91,35	46,46	91,66	54,30	37,36	46,15	37,05	9,10
2007	160,65	120,62	40,03	108,92	72,20	36,72	51,73	48,42	3,31
2008	197,94	173,20	24,75	140,24	106,86	33,38	57,7	66,34	-8,64

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Paulo como para o Brasil, deu-se concomitantemente ao aumento das importações, que foram fundamentais para o aumento da capacidade produtiva interna. Em síntese, de déficits externos passou-se para superávits crescentes. Ressalte-se, contudo, que a valorização da moeda brasileira na metade de 2004 já começa a se refletir em redução dos superávits, quando se compara 2008 com os anos de 2006 e 2007, tanto no caso paulista como brasileiro.

3 - COMPORTAMENTO DA BALANÇA COMERCIAL DA AGRICULTURA PAULISTA E BRASILEIRA NO PERÍODO 1997-2008

Nos últimos anos da década de 1990, as exportações da agricultura paulista diminuíram, passando de US\$6,36 bilhões em 1997, para US\$5,46 bilhões em 2000. A partir de então passaram a exibir nítida tendência de crescimento, terminando 2008 com US\$17,05 bilhões. Nota-se que em 2008 há aumento do ritmo da expansão anual, quando comparado com os dois anos anteriores. As importações setoriais caíram durante os seis primeiros anos da série analisada, de US\$5,59 bilhões em 1997, para US\$3,02 bilhões em 2002. Em 2003 iniciou-se fase de crescimento, terminando 2008 com US\$7,78 bilhões (Tabela 2).

O saldo da balança comercial da agricultura paulista aumentou continuamente no período 1997-2006, com exceção do ano de 2000,

finalizando 2006 com um superávit de US\$10,26 bilhões. Entretanto, em 2007 verifica-se a reversão dessa tendência de crescimento dos saldos da balança comercial setorial, que recua para US\$9,27 bilhões em 2008 (Tabela 2). No caso paulista, as quedas das divisas geradas pelas exportações de açúcar, cujos preços internacionais recuaram, explicam o recuo do superávit setorial.

O valor das exportações da agricultura das outras Unidades da Federação - que no primeiro ano do período em análise atingiu US\$18,60 bilhões - diminuiu até 1999, apresentando valores crescentes desse ano em diante, chegando a US\$59,09 bilhões em 2008 (Tabela 2). Diferentemente da realidade paulista, esse desempenho das demais Unidades da Federação deriva, principalmente, dos aumentos das divisas obtidas com exportações de soja e outros grãos e fibras.

As importações da agricultura das outras Unidades da Federação exibiram, em linhas gerais, comportamento similar às da paulista, com tendência de queda até 2002, e crescimento daí em diante, concluindo 2008 com a quantia de US\$18,58 bilhões (Tabela 2). Verifica-se o expressivo salto nos últimos dois anos em relação a 2006, situação que decorre do barateamento de produtos estrangeiros em função da valorização da moeda brasileira.

A balança comercial da agricultura das outras Unidades da Federação mostrou saldo em queda de US\$1,70 bilhão entre os anos de 1997 e 1998. Esse resultado passou a apresentar crescimento contínuo nos anos seguintes, terminando

TABELA 2 - Balança Comercial da Agricultura, Brasil, Outras Unidades da Federação e São Paulo, 1997-2008

(US\$ bilhão)

Ano	Brasil			Outras unidades da federação			São Paulo		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1997	24,96	12,69	12,28	18,60	7,09	11,51	6,36	5,59	0,77
1998	23,05	12,28	10,77	16,85	7,04	9,81	6,20	5,24	0,97
1999	21,66	9,11	12,56	15,46	5,24	10,22	6,21	3,87	2,34
2000	21,78	9,47	12,31	16,32	5,63	10,69	5,46	3,84	1,62
2001	25,01	8,56	16,45	18,81	5,01	13,8	6,20	3,55	2,64
2002	26,06	7,68	18,38	19,52	4,66	14,86	6,54	3,02	3,52
2003	32,43	8,51	23,92	24,76	5,34	19,42	7,67	3,17	4,50
2004	41,51	10,20	31,31	31,47	6,44	25,03	10,04	3,76	6,28
2005	46,30	10,07	36,23	34,55	6,29	28,26	11,75	3,78	7,97
2006	52,04	11,86	40,18	37,36	37,29	7,37	14,75	4,49	10,26
2007	61,88	17,21	44,67	46,36	11,68	34,68	15,52	5,53	9,99
2008	76,14	26,36	49,78	59,09	18,58	40,51	17,05	7,78	9,27

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

o ano de 2008 com superávit de US\$40,51 bilhões (Tabela 2). Isso reflete a força setorial em ampliar a base territorial das exportações brasileiras.

Em nível nacional, a partir de 2001 as exportações da agricultura inverteram a tendência de queda observada entre 1997 e 2000, seguindo o comportamento da agricultura paulista, chegando em 2008 à quantia de US\$76,14 bilhões (Tabela 2). Um destaque fundamental é que a valorização da moeda brasileira não impactou o ritmo de expansão das exportações setoriais, em função dos aumentos de preços dos principais produtos exportados como o da soja e do milho.

O valor das importações da agricultura brasileira passou de US\$12,69 bilhões em 1997, para US\$26,36 bilhões em 2008. Em linhas gerais, a tendência de queda verificada até 2002 inverteu-se desse ano em diante, fechando o período em patamar superior ao de 1997. Essa aceleração das importações setoriais nacionais em 2007 e 2008 reflete os impactos do câmbio desvalorizado. Os saldos da balança comercial foram positivos em todos os anos de 1997 a 2006: porém, um ritmo mais acelerado de crescimento iniciou-se após o ano de 2000, fechando 2008 com superávit de US\$49,78 bilhões, espelhando o comportamento da agricultura paulista (Tabela 2).

A relevância da agricultura, que apresentou saldos comerciais positivos em todos os

anos considerados (Tabela 2), pode ser aquilataada quando se considera o desempenho da balança comercial dos demais setores. Tanto para o Brasil como um todo, como para as demais Unidades da Federação (exclusive São Paulo), superávits passaram a existir apenas a partir de 2003, sendo que os saldos comerciais dos demais setores voltaram a ser negativos a partir de 2007 para o Brasil e em 2008 também para as demais Unidades da Federação. Em São Paulo em todos os anos houve déficit das transações dos demais setores com o exterior, verificando-se expressivo incremento desse déficit em 2008 comparado com os anos anteriores (Tabela 3).

Em linhas gerais, constata-se que o desempenho da balança comercial brasileira está diretamente associado ao desempenho do principal segmento econômico nacional, representado pela agricultura. Comparando-se os resultados nacionais com os das Unidades da Federação, há que ser frisada a condição de liderança paulista, não apenas a principal plataforma exportadora da economia e da agricultura brasileira, como também a mais relevante base produtora nacional de bens de capital e insumos, daí a expressão de sua representatividade nas importações nacionais. Na agricultura, em particular, as importações paulistas sustentam a produção de bens de capital e insumos que garantem a modernidade de amplas extensões das agriculturas das demais Unidades da Federação.

TABELA 3 - Balança Comercial dos Demais Setores, Brasil, Outras Unidades da Federação e São Paulo, 1997-2008

(US\$ bilhão)

Ano	Brasil			Outras unidades da federação			São Paulo		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1997	28,03	47,06	-19,03	16,30	24,13	-7,83	11,73	22,94	-11,20
1998	28,09	45,43	-17,34	16,06	22,74	-6,68	12,03	22,69	-10,68
1999	26,35	40,10	-13,76	15,01	20,66	-5,65	11,33	19,44	-8,11
2000	33,31	46,31	-13,01	18,98	24,58	-5,60	14,33	21,74	-7,41
2001	33,21	47,01	-13,80	18,79	25,78	-6,99	14,42	21,23	-6,79
2002	34,30	39,56	-5,26	20,74	22,75	-2,01	13,57	16,82	-3,25
2003	40,65	39,79	0,86	25,25	22,63	2,62	15,40	17,16	-1,76
2004	54,96	52,63	2,33	33,96	29,28	4,68	21,00	23,35	-2,35
2005	72,01	63,54	8,47	45,75	36,82	8,93	26,26	26,72	-0,46
2006	85,77	79,49	6,28	54,37	46,93	7,44	31,4	32,56	-1,16
2007	98,77	103,41	-4,64	62,56	60,52	2,04	36,21	42,89	-6,68
2008	121,8	146,83	-25,03	81,15	88,27	-7,12	40,65	58,56	-17,91

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

4 - AGRICULTURA DE SÃO PAULO NO BRASIL: participação na balança comercial no período 1997-2008

A visão global do período 1997-2008 revela que o Estado de São Paulo consiste na mais importante plataforma de comércio exterior do Brasil, com percentuais significativos das vendas externas e ainda mais expressivos de importações. Em linhas gerais, portanto, pela corrente de comércio realizada, a economia paulista configura a face competitiva e moderna da brasileira. Isso também se verifica na agricultura. Nas exportações setoriais paulistas prevalecem os produtos com agregação de valor e, nas importações, a aquisição de elementos que movem a moderna agroindústria estadual de bens de capital e insumos, que abastece a moderna agropecuária brasileira.

A participação das exportações paulistas no total brasileiro apresentou tendência reduzida mas persistente de queda no período 1997-2008 passando de 34,14% em 1997 para 29,15% em 2008. A participação das importações paulistas também sofreu diminuição, iniciando o período com percentual de 47,74% e terminando com 38,30% (Tabela 4).

As exportações da agricultura paulista, que respondiam por 25,47% das exportações da brasileira em 1997, aumentaram em participação até 1999, quando se iniciou tendência de queda que se estendeu até 2003, e voltaram a crescer

proporcionalmente desse ano em diante, atingindo 2006 com o percentual de 28,34%, mas mostra novo recuo desde então alcançando 22,39% em 2008. A participação das importações setoriais paulistas nas importações da agricultura brasileira apresentou forte redução, caindo de 44,08% em 1997 para 29,51% em 2008, com acentuado decréscimo entre 2001 e 2008 (Tabela 5).

A participação das exportações da agricultura brasileira nas exportações totais nacionais, no período 1997-2008, também se reduziu, exceto entre 2001 e 2003, quando experimentou certa recuperação. Com exceção do período 2002-2003, a participação das importações da agricultura brasileira nas importações totais sofreu acentuada queda, de 21,24% em 1997, para 15,22% em 2008 (Tabela 5).

Em relação às exportações estaduais, em linhas gerais, a participação das exportações da agricultura paulista reduziu-se de patamar da ordem de 35% no período 1997-1999, para patamar na casa dos 32% em 2002-2006, com resultados mais modestos em 2000 e em 2001 e que, em 2008, tenha ficado abaixo de 30%. A nítida tendência de queda, observada de 1997 a 2001, na participação das importações setoriais paulistas no total de importações estaduais, voltou a ser perceptível a partir de 2003, após certo crescimento em 2002 e 2003, com 19,61% em 1997 e finaliza com 11,73% em 2008 (Tabela 5).

Nas outras Unidades da Federação, a participação das exportações da agricultura nas

TABELA 4 - Participação do Estado de São Paulo na Balança Comercial Nacional, 1997-2008
(em %)

Ano	Total		Agricultura	
	Exportação	Importação	Exportação	Importação
1997	34,14	47,74	25,47	44,08
1998	35,64	48,40	26,92	42,67
1999	36,54	47,37	28,65	42,50
2000	35,92	45,85	25,07	40,58
2001	35,42	44,59	24,78	41,51
2002	33,31	41,99	25,09	39,31
2003	31,57	42,09	23,65	37,25
2004	32,18	43,15	24,19	36,86
2005	32,13	41,43	25,38	37,54
2006	33,49	40,56	28,34	37,86
2007	32,20	40,14	25,08	32,13
2008	29,15	38,30	22,39	29,51

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 5 - Participação da Agricultura na Respectiva Balança Comercial, Brasil, São Paulo e Outras Unidades da Federação, 1997-2008
(em %)

Ano	Brasil		São Paulo		Outras unidades da federação	
	Exportação	Importação	Exportação	Importação	Exportação	Importação
1997	47,11	21,24	35,15	19,61	53,31	22,72
1998	45,08	21,27	34,04	18,76	51,19	23,63
1999	45,12	18,51	35,39	16,61	50,73	20,22
2000	39,54	16,98	27,60	15,03	46,23	18,63
2001	42,95	15,40	30,04	14,34	50,03	16,26
2002	43,18	16,26	32,53	15,23	48,50	17,01
2003	44,38	17,62	33,25	15,59	49,51	19,09
2004	43,03	16,23	32,35	13,87	48,10	18,03
2005	39,13	13,68	30,91	12,39	43,03	14,59
2006	37,76	12,98	31,96	12,12	40,68	13,57
2007	38,52	14,27	30,00	11,42	42,56	16,18
2008	38,47	15,22	29,55	11,73	42,14	17,39

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

exportações totais também diminuiu no período 1997-2006, exceto entre 2001 e 2003, de 53,31% em 1997 para 40,68% em 2006. Desde então há novo incremento alcançando 42,14% em 2008. O mesmo comportamento foi exibido pelas importações da agricultura das outras Unidades da Federação, cuja participação no total nacional diminuiu de 22,72% em 1997 para 13,57% em 2006. Entretanto, tal como em 1998, 2002 e 2003 quando se registraram crescimentos em relação aos anos anteriores, desde 2006 há significativo aumento para 17,39% em 2008 (Tabela 5).

As participações estaduais e/ou seto-

riais no comércio exterior associam-se a elementos que formam o ambiente macroeconômico que condicionam as transações entre nações. Desde logo o câmbio, que apresentou desvalorização da moeda nacional entre 1997 e 2004, acabou por estimular exportações e tornar as importações menos atrativas. Com a valorização pós-2004, há o movimento reverso. Assim, ocorrem impactos nas participações setoriais e estaduais em função desse movimento cambial.

Essa condição manifesta-se na presença de outro determinante, qual seja, o patamar de preços internacionais, uma vez que preços inter-

nacionais crescentes com câmbio em valorização podem levar aos incrementos de exportação. Mas isso não se dá de forma uniforme em todo o Brasil, dada a especialização regional em alguns produtos, caso por exemplo da agricultura paulista, que tendo como principal mercadoria exportada o açúcar, face a preços internacionais cadentes depois de 2007, perdem participação nacional, uma vez que as demais unidades da federação foram favorecidas com os maiores preços de seu principal produto, qual seja a soja e derivados.

5 - DIFERENÇAS ESTRUTURAIS ENTRE A AGRICULTURA PAULISTA E A DAS DEMAIS UNIDADES DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA, CONFORME A AGREGAÇÃO DE VALOR NAS EXPORTAÇÕES NO PERÍODO 1997-2008

No período 1997-2007 as exportações de produtos básicos da agricultura paulista saltam de patamar, saindo de pouco mais de US\$1,0 bilhão no período 1997-2002, para níveis superiores a US\$3,1 bilhões no período 2007-2008. Quando são considerados os produtos processados, os valores das vendas externas setoriais são maiores, tendo evoluído de patamares em torno dos US\$5,0 bilhões no período 1997-2002 para níveis muito mais elevados acima de US\$12,2 bilhões no triênio 2006-2008 (Tabela 6)

Em função desses indicadores, a agricultura paulista apresenta uma baixa participação dos produtos básicos na pauta de exportações. Excetuando-se o ano 2004, quando o câmbio impulsionou as exportações paulistas de grãos, em todos os demais anos do período 1997-2008, as proporções de produtos básicos giram em torno de um quinto (20,0%). Isso em decorrência da condição agroindustrial exportadora da agricultura paulista, uma vez que próximo de quatro quintos (80,0%) das exportações setoriais do período 1997-2008 foram de produtos com agregação de valor por transformação agroindustrial (Tabela 7).

Quando se avalia o comportamento das exportações da agricultura brasileira, verifica-se que as vendas de produtos básicos, que eram de US\$11,20 bilhões em 1997, recuam para US\$8,63 bilhões em 1999, face à sobrevalorização cambial do período. Desse ano em diante apresentam vertiginoso processo de expansão atingindo US\$39,83 bilhões em 2008. A despeito da nova sobrevalorização cambial pós-2004, ocorre incre-

mento das vendas de produtos básicos face a preços internacionais atrativos. Em termos de produtos processados, os incrementos foram expressivos, uma vez que de US\$13,77 bilhões em 1997 atingiram US\$36,31 bilhões em 2008 (Tabela 6), embora esse desempenho demonstre menor dinamismo face aos produtos básicos, uma vez que, nesse caso, os preços não tiveram aumentos relevantes.

Em termos percentuais, as vendas externas de produtos básicos da agricultura brasileira não apenas são muito superiores aos verificados para o caso paulista, como são crescentes indo de 44,86% em 1997 para 52,32% em 2008. Essa expressiva participação dos produtos básicos faz com que as vendas de produtos processados, cujos percentuais cresceram de 55,14% em 1997 para 60,17% em 1999, passem a constituir tendência de queda persistente, atingindo 47,68% em 2008 (Tabela 7).

Isso devido às exportações setoriais das demais Unidades da Federação concentram-se em produtos básicos que, após recuarem de US\$9,90 bilhões em 1997 para 7,51 bilhões em 1999, ganharam notável dinamismo para alcançarem US\$36,22 bilhões em 2008. Já nos produtos processados, após manutenção no patamar de US\$8,70 bilhões entre 1997 e 2001, também ocorre expansão expressiva alcançando US\$22,87 bilhões em 2008 (Tabela 6).

Em termos proporcionais, há uma nítida prevalência dos produtos básicos nas exportações da agricultura das demais Unidades da Federação, indicador que após recuar de 53,21% em 1997 para 47,79% em 2000, cresce de forma significativa para atingir 61,30% em 2008 revelando o dinamismo primário exportador do período recente. Com os produtos processados, após crescimento de 46,79% em 1997 para 52,21% em 2000, há expressivo recuo para 38,70% em 2008 (Tabela 7).

Em linhas gerais, notam-se as relevantes diferenças estruturais entre a agricultura paulista e das demais Unidades da Federação, na medida em que, em São Paulo, a parcela expressiva das vendas externas corresponde a produtos processados, enquanto nas demais Unidades da Federação prevalecem os produtos básicos. Noutras palavras, há uma economia agroindustrial exportadora nas terras paulistas face à condição ainda primário-exportadora das demais regiões brasileiras. Assim, o processo de desconcentração produtiva atingiu a moderna agropecuá-

TABELA 6 - Agregação de Valor nas Exportações da Agricultura, São Paulo, Outras Unidades da Federação e Brasil, 1997-2008

(US\$ bilhão)

Ano	Brasil			São Paulo			Outras unidades da federação		
	Básicos	Proces. ¹	Total	Básicos	Proces. ¹	Total	Básicos	Proces. ¹	Total
1997	11,20	13,77	24,96	1,30	5,06	6,36	9,90	8,70	18,60
1998	9,27	13,78	23,05	0,94	5,26	6,20	8,33	8,52	16,85
1999	8,63	13,04	21,66	1,12	5,09	6,21	7,51	7,95	15,46
2000	8,82	12,96	21,78	1,02	4,44	5,46	7,80	8,52	16,32
2001	11,18	13,83	25,01	1,13	5,06	6,20	10,05	8,76	18,81
2002	11,69	14,37	26,06	1,32	5,22	6,54	10,38	9,15	19,52
2003	14,92	17,51	32,43	1,65	6,02	7,67	13,27	11,49	24,76
2004	20,20	21,31	41,51	2,77	7,27	10,04	17,43	14,04	31,47
2005	21,92	24,38	46,30	2,71	9,04	11,75	19,21	15,34	34,55
2006	22,84	29,20	52,04	2,57	12,18	14,75	20,27	17,02	37,29
2007	29,82	32,06	61,88	3,07	12,45	15,52	26,75	19,61	46,36
2008	39,83	36,31	76,14	3,61	13,44	17,05	36,22	22,87	59,09

¹Corresponde ao somatório de produtos manufaturados e semimanufaturados.

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 7 - Participação dos Perfis de Agregação de Valor nas Exportações da Agricultura, São Paulo, Outras Unidades da Federação e Brasil, 1997-2008

(em %)

Ano	Brasil			São Paulo			Outras unidades da federação		
	Básicos	Proces. ¹	Total	Básicos	Proces. ¹	Total	Básicos	Proces. ¹	Total
1997	44,86	55,14	100	20,41	79,59	100	53,21	46,79	100
1998	40,21	59,79	100	15,21	84,79	100	49,42	50,58	100
1999	39,83	60,17	100	18,01	81,99	100	48,59	51,41	100
2000	40,51	59,49	100	18,73	81,27	100	47,79	52,21	100
2001	44,70	55,30	100	18,29	81,71	100	53,41	46,59	100
2002	44,86	55,14	100	20,11	79,89	100	53,15	46,85	100
2003	46,01	53,99	100	21,45	78,55	100	53,61	46,39	100
2004	48,66	51,34	100	27,55	72,45	100	55,39	44,61	100
2005	47,35	52,65	100	23,06	76,94	100	55,61	44,39	100
2006	43,89	56,11	100	17,42	82,58	100	54,36	45,64	100
2007	48,19	51,81	100	19,78	80,22	100	57,70	42,30	100
2008	52,32	47,68	100	21,19	78,81	100	61,30	38,70	100

¹Corresponde ao somatório de produtos manufaturados e semimanufaturados.

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

ria, mas ainda não alcançou expressão na estrutura agroindustrial de processamento.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente o comércio exterior representa o motor de ciclos de crescimento econômico, além de elemento determinante na definição das distintas territorialidades que formam o amplo mosaico da agricultura brasileira no mo-

mento atual. No período 1997-2008, não se revela diferente. Tanto assim que a balança comercial brasileira, que apresentara déficits no período 1997-2000, reverte essa situação para superávit no ano de 2001. Desde então, verifica-se elevada aceleração dos superávits em todo período 1997-2006. Entretanto, após 2007 essa tendência reverte-se com obtenção de saldos comerciais menores ainda que positivos nos últimos dois anos.

Mas esse comportamento não se mos-

tra uniforme em todo espaço geográfico nacional, uma vez que a balança comercial paulista, que se mostrou negativa, mas com redução do déficit no período 1997-2001, passa a ser positiva e com superávits crescentes no período 2002-2007, sendo que em 2008 verifica-se nova alteração, quando novamente apresenta resultado negativo. Nas demais Unidades da Federação, conquanto tenha havido saldos comerciais positivos em todo período 1997-2008, há nítida aceleração no período 2000-2005, desde quando tendem à redução, revelando uma relação estreita com os movimentos do câmbio e, no último ano, da crise internacional que freou a demanda gerando o déficit paulista e a redução dos saldos do restante do Brasil.

Nota-se assim também no comércio exterior um processo de desconcentração produtiva em toda economia nacional, mas em particular na agricultura, cuja tendência fica nítida ao verificar-se que a participação das exportações paulistas no total das exportações brasileiras apresentou tendência de reduzida e persistente de queda no período 1997-2007, passando de 34,14% em 1997 para 29,15% em 2008. Enquanto isso, as vendas externas nas demais Unidades da Federação, como proporção das brasileiras, avançam nos últimos dez anos de 65,86% em 1997 para 70,85% em 2008, configurando a realidade de desconcentração comercial decorrente de uma progressiva desconcentração produtiva. Não se trata de que a economia paulista esteja sofrendo perda de vigor econômico, mas sim que de que o crescimento mais elevado das exportações brasileiras que evoluiu de US\$52,99 bilhões para US\$197,94 bilhões no período 1997-2008 enquanto em São Paulo o avanço foi menor, de US\$18,09 bilhões para US\$57,70 bilhões no mesmo período. Desse modo, há avanço do processo de desconcentração à medida que as demais Unidades da Federação tiveram maior dinamismo no mesmo espaço de tempo.

Na ótica setorial há também tendência de queda da participação da agricultura nas exportações nacionais, que recua de 47,11% em 1997 para 38,47% em 2008 no rastro de aumento das vendas externas de minério e de produtos industrializados dos demais setores. Em São Paulo essa queda foi menor, de 35,15% para 29,55% no mesmo período, com o que as vendas minerais das demais Unidades da Federação foram determinantes para a queda da importância da agricultura. Na agricultura o desempenho se

mostra semelhante, mas com especificidades relevantes da ótica estrutural, o que reforma o impacto da inserção externa na definição da territorialidade setorial nacional. Nas exportações da agricultura paulista há relativa estabilidade da participação das transações com produtos processados (79,59% em 1997 para 78,81% em 2008), enquanto nas demais Unidades da Federação há incremento nas vendas externas setoriais de produtos básicos (53,21% em 1997 para 61,3% em 2008). Os reflexos estruturais desse fato não são desprezíveis.

A agricultura paulista constitui-se como agroindustrial-exportadora, pois apresenta uma baixa participação dos produtos básicos na pauta de exportações (SOUZA; GONÇALVES, 2008). Isso em decorrência da condição agroindustrial exportadora da agricultura paulista dada a maior parcela das transações com produtos com agregação de valor por transformação agroindustrial. Já no conjunto das demais Unidades da Federação, há a reprodução de uma agricultura primário-exportadora, dado que em termos proporcionais, há uma nítida prevalência dos produtos básicos nas exportações da agricultura. Noutros termos, a agricultura das demais Unidades da Federação, não apenas apresenta exportações com menor proporção de valor agregado quando comparada com a paulista, como também essa diferenciação se amplia com o maior incremento dos produtos básicos no total exportado.

Essa diferença estrutural - captada da ótica das exportações setoriais - leva a ensejar necessidade de que as políticas públicas para a agricultura, inclusive as comerciais, levem em conta as peculiaridades dessas distinções que condicionam o caráter e o rumo dos processos de transformação dessas realidades. Exemplo típico consiste na Lei Kandir que, ao privilegiar a exportação de produtos primários em relação aos processados, não apenas contribuiu para a prevalência da condição primário-exportadora fora do território paulista, como penalizou a agroindústria processadora e a agroindústria de alimentos instalada em São Paulo na concorrência por matéria-prima.

Em síntese, não faz sentido o debate sobre a ação governamental para a agricultura, em especial as de comércio exterior, tendo como ponto de partida tão somente o conceito genérico de "agronegócios" dado que o mesmo esconde diferenças estruturais palpáveis envolvendo territorialidades bem definidas e, dadas essas pecu-

liaridades, movimentos diferenciados frente aos movimentos do mercado internacional. Também neste ângulo, tratar da agricultura brasileira con-

siste em lidar com as enormes diferenças que permeiam sua vasta extensão territorial de principal segmento de uma economia continental.

LITERATURA CITADA

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.

_____. A industrialização e o desenvolvimento do capitalismo retardatário no Brasil (1880-1980). In: _____. **Reflexões sobre o Brasil e a nova (des)ordem internacional**. Campinas: HUCITEC, 1993. p.15-21.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1989. 291 p.

GONÇALVES, J. S. Agricultura sob a égide do capital financeiro: passo rumo ao aprofundamento do desenvolvimento dos agronegócios. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 7-36, 2005.

_____; SOUZA, S. A. M.; VICENTE, J. R. Exportações dos agronegócios mostram elevado conteúdo tecnológico e reduzida agregação de valor pela transformação agroindustrial, Brasil 1997-2004. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, v. 20, n. 86, p. 43-51, jan./mar. 2006.

SOUZA, S. A. M.; GONÇALVES, J. S. Agregação de valor e diferenças estruturais das exportações da agricultura paulista em relação às demais unidades da federação brasileira no período 1997-2007. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46., Branco (AC), 2008. **Anais...** Rio Branco: SOBER, 2008.

VICENTE, J. R. et al. **Sistema de Importações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA): conceituação e análise dos resultados, 1997-2001**. São Paulo: APTA/SAA, 2001. 356 p. (Série Ação APTA, n. 5).

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR DA AGRICULTURA PAULISTA E BRASILEIRA NO PERÍODO 1997-2008

RESUMO: *Este trabalho analisa a evolução da balança comercial brasileira para o período 1997-2008, destacando a agricultura e dentro dela as especificidades da agricultura paulista em relação às demais Unidades da Federação brasileira, à medida que em São Paulo, 80% das vendas externas são de produtos processados e, no restante do Brasil, os produtos básicos representam em torno da metade das exportações setoriais. De outro ângulo, mostra os primeiros impactos da crise econômica internacional que já afetam os desempenhos do comércio exterior brasileiro como revelam os indicadores para o ano de 2008. Essas constatações ensejam a necessidade de que políticas sejam específicas para as diversas agriculturas territoriais brasileiras.*

Palavras-chave: *diferenças estruturais, comércio exterior, exportações, agregação de valor.*

DEVELOPMENT OF SAO PAULO'S AND BRAZIL'S AGRICULTURAL FOREIGN TRADE OVER 1997-2008

ABSTRACT: *This work analyzes Brazil's trade balance for agricultural goods over the 1997-2008 period, within which the specificities of the state of Sao Paulo are central. The state's foreign trade activities respond for 80 percent of sales of processed products, whereas in the remaining of the country basic products represent close to fifty percent of sectorial exports. This work also shows the first impacts of the global economic crisis already affecting Brazil's foreign trade performance, as revealed by eco-*

conomic indicators for 2008. This verification dictates the need for policies tailored for the diverse types of Brazilian agricultural products.

Key-words: *structural differences, foreign trade, exports, value aggregation.*

Recebido em 23/03/2009. Liberado para publicação em 01/04/2009.

Informações Econômicas, SP, v.39, n.5, maio 2009.